

A IMPORTÂNCIA DO USO DAS MÍDIAS NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS DEFICIENTES AUDITIVOS ¹

Daniele De Lima Foppa ²

Frankiele Oesterreich ³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal promover uma reflexão sobre o processo de alfabetização de deficientes auditivos nas escolas regulares de ensino e agregar o uso das mídias nesse sistema. Procura salienta a importância do uso das mídias no processo de alfabetização de alunos com deficiência auditiva na rede regular de ensino, bem como ressaltar a influência das mídias nesse processo, pois as mesmas tendem a auxiliar e facilitar a evolução do ensino e aprendizagem. Essa pesquisa foi construída através do estudo de caso de um aluno deficiente auditivo, do primeiro ano das séries iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes/RS.

ABSTRACT

This work aims to promote reflection on the process of literacy deaf in regular schools teaching and aggregating the use of media in this system. Seeks to highlight the importance of the use of media in the literacy process of students with hearing disabilities in regular schools, as well as emphasize the influence of the media in this process, because they tend to assist and facilitate the evolution of teaching and learning. This research was built through the case study of a hearing impaired student, the first year of the lower grades of elementary school at the State School of Basic Education Tiradentes / RS

PALAVRAS-CHAVE

Mídias e a deficiência auditiva; Alfabetização de deficientes auditivos; Tecnologias e alfabetização;

1 INTRODUÇÃO

A escola é um lugar muito importante, cheia de privilégios, que trabalha diretamente na formação integral dos indivíduos que a ela são confiados. No entanto, durante muito tempo este espaço tão valorizado recebia somente as pessoas que se enquadravam nos padrões

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professora Orientadora, Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

da sociedade: filhos de pessoas bem sucedidas, que não tinham nenhum problema de saúde física ou mental e que demonstravam ter condições de aprender com facilidade.

Com o passar dos anos e após a inclusão social ser discutida e defendida bravamente, é que as pessoas com deficiência puderam participar dessas instituições com os mesmos direitos que os outros. Isso não significa que essa inclusão aconteça de maneira efetiva e que as escolas recebam investimentos necessários. Mesmo a inclusão sendo lei e garantindo a permanência desses educandos na escola regular, na maioria das vezes os educandários não dispõem de estrutura física, nem de profissionais capacitados para trabalhar com essas deficiências.

Por esse motivo, tendo a consciência de que esses alunos têm direito a inclusão, e ela só acontecerá realmente quando todos forem respeitados por suas diferenças e potencialidades, é que surgiu o desejo desta investigação.

A pesquisa referida nasceu da necessidade de melhorar a qualidade, do processo de alfabetização de um aluno deficiente auditivo do primeiro ano do ensino fundamental, da rede regular de ensino. Está devidamente matriculado na Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes, em Tiradentes do Sul/RS.

Pretendeu-se com essa investigação, analisar o uso das mídias na alfabetização de um aluno com deficiência auditiva na rede regular de ensino, incentivando os professores que com ele trabalham, ou que poderão vir a trabalhar, a utilizar as mídias e salientar de que maneira as tecnologias podem ser utilizadas na alfabetização deste aluno. Trazer aos professores a importância das mídias nesse processo, pois as mesmas tendem a auxiliar e facilitar o processo de ensino e aprendizagem além de conseguirem dar significação ao que é ensinado.

Esse aluno como qualquer outro, merece e requer muita atenção, e para isso é necessário ter condições de introduzir uma forma de comunicação entre professores e alunos para que com isso criem possibilidades de desenvolver os objetivos propostos.

Para que pudesse ser realizado este trabalho, foram propostas algumas entrevistas, primeiramente com a mãe do aluno, na sequência foi realizada a conversa com a educadora especial e com a monitora e para concluir a professora que trabalha com este aluno na sala de aula regular, também colaborou com o trabalho. As entrevistas foram estruturadas de maneira que se pudesse ter uma visão geral do educando, seu histórico pessoal, familiar e escolar, e também para que tivéssemos um conhecimento mais específico de como está sendo desenvolvido o processo de alfabetização do mesmo.

O presente artigo está dividido em três capítulos, sendo eles “A Alfabetização de Deficientes Auditivos”, que trata de como está sendo realizado o processo de alfabetização de

um aluno com deficiência auditiva na rede regular de ensino. “Inclusão Escolar”, no qual aborda a forma com que as escolas estão se preparando para receber alunos com deficiência e qual incentivo estão recebendo para que seja desenvolvido um trabalho de qualidade e, “As Mídias na Educação de Deficientes Auditivos”, contemplando a importância do uso das mídias no processo de alfabetização dos alunos com deficiência auditiva.

2 A ALFABETIZAÇÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS

O espaço escolar tem como principal objetivo a troca de informações e saberes. É uma comunicação entre as partes, ninguém é detentor do saber único e intransferível, e sim alunos e professores aprendem e ensinam de maneira sincronizada, uns com os outros. A mesma é pautada numa educação formal, que acontece através da comunicação entre os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Ao entrar na escola regular os alunos ingressam em uma das fases mais importantes, a alfabetização. Esta por sua vez, prepara este indivíduo para toda a sua vida. Para Vygotsky (2001, p. 332), “a aprendizagem da escrita é uma das matérias mais importantes da aprendizagem escolar em pleno início da escola”, que ela desencadeia para a vida o desenvolvimento de todas as funções que ainda não amadureceram na criança. E é por isso que esta criança deve receber toda atenção e dedicação nessa etapa de sua vida, para que use desse tempo, a fim de desenvolver as funções que fazem parte desta fase, para isso o educador deve ter em mente que este indivíduo precisa ser respeitado em suas necessidades, potencialidades e o tempo que este irá levar para concluir o processo de alfabetização.

De acordo com Brito (1993) no bilinguismo a língua de sinais é considerada uma importante via para o desenvolvimento do surdo, em todas as esferas de conhecimento, e, como tal, propicia não apenas a comunicação entre surdos, além de desempenhar a importante função de suporte ao pensamento e de estimulador do desenvolvimento cognitivo e social.

Os alunos deficientes auditivos passam por um momento ímpar durante o seu processo de alfabetização, diferente dos demais alunos, estes precisam conhecer primeiramente a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e após iniciar a alfabetização propriamente dita. Durante esse processo, enquanto seus colegas vão se familiarizando com as letras e seus sons, fazendo referências do som da letra com o objeto, o deficiente auditivo necessita memorizar o objeto e o sinal que o representa na Língua Brasileira de Sinais e na sequência precisa também memorizar quais as letras que compõe essa palavra para que possa escrever usando a ortografia correta. Sem falar da dificuldade que o educador encontra em explicar os sinais

abstratos, que envolve sentimento e tempo, entre outros que não podem ser representados por desenhos.

Por isso é que para a maioria dos professores da rede regular de ensino desenvolver um método de alfabetização com crianças ouvintes, mesmo que estas apresentem algumas dificuldades é um processo sereno, contudo quando os alfabetizadores precisam realizar esta técnica com alunos deficientes auditivos passa a ser um grande desafio.

Skliar (1999, p.7) diz que, além da oposição à prática educativa tradicional dada ao surdo, o bilinguismo é considerado “como um reconhecimento político da surdez como diferença”, que tem em conta o grupo linguístico e cultural no qual o surdo está inserido. Para isso devemos respeitar e reconhecer a forma de comunicação utilizada por estes alunos a fim de desenvolver um trabalho diferenciado com eles, pois somente assim conseguiremos efetivamente atingir os objetivos específicos de cada etapa.

Também segundo o autor, a surdez não deve ser vista como uma deficiência, mas sim como uma diferença e que o modelo educativo concreto dessa visão deve basear-se na construção de campos do conhecimento e de ação para os surdos. Dessa maneira, a proposta deve ter como objetivo principal a mudança da estrutura de uma aula tradicional, devendo assim o educador utilizar de espaços alternativos, sendo criativo no quesito informação e comunicação, fazendo uso de diferentes metodologias para que se consiga concluir este processo com êxito.

Mesmo com as várias discussões em relação à inclusão da escrita na alfabetização de alunos deficientes auditivos, bem como as metodologias utilizadas em sala de aula, se faz necessário desenvolver habilidades com o uso da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, não só o professor e o aluno, mas todos que fazem parte desse grupo, para que consigam se comunicar com o aluno deficiente auditivo e que ele consiga desenvolver-se de forma integral.

Na Declaração de Salamanca, em seu artigo 19, nos apresenta a importância da linguagem de sinais como meio de comunicação entre surdos, e dessa forma como cita Souza (1999, p.171), “o surdo pode ser bilíngue por conta de suas próprias experiências, mas o ensino pode ou não se fundar na concepção bilíngue da pessoa surda”. Com isso percebe-se a importância da utilização das LIBRAS, o professor que recebe este aluno precisa estar preparado para manter uma comunicação utilizando sua primeira língua, pois somente através dessa comunicação que poderá se estabelecer uma relação entre educador e aluno, para assim dar início ao processo de ensino e aprendizagem e, propriamente o processo de alfabetização.

Da mesma forma, é muito importante que todas as pessoas da escola, alunos, professores e funcionários procurem se desafiar e conhecer a LIBRAS ou pelo menos saber usar

sinais básicos com o intuito de se comunicar com o aluno deficiente auditivo, para que este se sinta realmente incluído e consiga manter uma comunicação com as pessoas que fazem parte do seu cotidiano escolar.

3 INCLUSÃO ESCOLAR

A escola é um lugar no qual a sabedoria passa de geração para geração, no entanto, nas gerações mais novas, se torna mais intrincado, porém, cada vez mais pensados e organizados de maneira que o aluno desenvolva suas habilidades e competências. Com isso o educando terá oportunidade de formar seus valores, hábitos e ações para tornar-se um cidadão crítico que buscará cada vez mais uma sociedade justa e humana.

A escola tem como objetivo principal a escolarização dos indivíduos que a ela são confiados. Com a publicação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN nº 4024/61, passou a ser garantido o direito a educação regular aos excepcionais, pois antes disso os mesmos eram excluídos da sociedade e não era garantida nenhuma forma de assistência, iniciava-se um processo de quebra de paradigmas na educação brasileira.

Com o passar do tempo ocorreram várias modificações legais, inclusive em relação ao conceito de inclusão. No ano de 1994, em Salamanca na Espanha, aconteceu a Conferência Mundial de Educação, e nesse momento foi escrito um documento que deu um novo rumo para o movimento da Educação Especial, propondo novas diretrizes para uma educação de qualidade.

Esta declaração teve influências positivas em relação às políticas públicas educacionais, que até hoje conduzem a educação brasileira em relação às necessidades educacionais especiais. A mesma trata de práticas e concepções políticas, que garantem a inclusão de educandos na rede regular de ensino, e indica os elementos que devem fazer parte da educação especial. Também apresenta sugestões para que possam ser estruturadas ações que garantam uma pedagogia focada nas crianças, para que se construa uma educação de qualidade aos indivíduos com necessidades educacionais especiais em todos os níveis de ensino.

Da mesma forma, segundo esta Declaração as instituições educacionais devem garantir em seus Projetos Políticos Pedagógicos a adaptação necessária para atender seus alunos com necessidades educacionais especializadas e promover a convivência entre todos.

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem

nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, Pp. 17-18).

Com isso, percebe-se que esta Declaração faz com que os direitos sejam afins a todos os que nela estiverem inseridos e buscarem uma educação de qualidade.

Segundo Sasaki (2004), os professores das instituições que se propõem a inclusão, devem ser dedicados e interessados pelo que seu aluno deseja aprender, acreditar nas suas potencialidades é um fator muito importante para que eles se desenvolvam com garantia de aprendizagem, tornar seus ensinamentos significativos e principalmente aceitá-los como são, saber escutar e valorizar as suas produções, ajudam na independência deste aluno e na sua formação. Aplicar uma metodologia que venha a estimular a sua participação em sala de aula favorece a sua aprendizagem efetiva.

Para que a inclusão fosse garantida de forma efetiva ocorreram algumas mudanças também na lei que rege a educação no Brasil, após a reformulação da LDBEN nº 9.394/96 a LDB, capítulo V, artigo 58:

Pode-se entender por Educação Especial, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação e para isso haverá, quando necessários serviços de apoio especializado na escola regular para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular e a oferta de educação especial, dever constitucional do estado, tem como início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (LDBEN,1996, cap.V,art.58)

Além dessa atualização da LDBEN, inúmeros documentos foram criados para que pudesse ser assegurado o direito à educação das pessoas com necessidades educacionais especiais. A partir de então as escolas regulares de ensino, começaram a perceber que precisavam se adaptar a estas mudanças em benefício dos alunos atendidos e dos novos que chegariam até estas instituições.

Como a Educação Especial não era mais um universo isolado do cotidiano das escolas regulares, estas aos poucos foram se adaptando, incentivando os profissionais que nelas atuavam a buscarem formações para poder atender os alunos e proporcionar uma educação de qualidade para todos os indivíduos.

No entanto, sabe-se que nem sempre as coisas acontecem como deveriam, compreende-se que existem muitas burocracias para que se consiga atingir o que de fato a lei ga-

rante a estes indivíduos que necessitam de acompanhamento especial, tanto do professor de classe como dos atendimentos educacionais especializados.

4 AS MÍDIAS NA ESCOLA

Na última década as mudanças tecnológicas aconteceram de maneira desenfreada. Em nossas escolas saímos da era quadro e giz e passamos a ter a nossa disposição computadores, celulares, *tablet*, câmeras digitais, *notebook*, *Datashow*, telas interativas entre outros recursos que tendem a nos auxiliar no processo de ensino e aprendizagem dos nossos alunos.

Contudo muitos professores não estão abertos a essas mudanças, acham que esse tipo de mídias são desnecessárias e que a maneira correta de trabalhar é da forma tradicional, em que o aluno deveria somente copiar e reproduzir o que o professor lhe dava. Porém tudo se modificou, inclusive os alunos, que são atualmente nativos digitais, conceito evidenciado por Prensky (2001) usado para caracterizar a geração que nasceu a partir do momento que se fazem acessos a web, rede de computadores que recebem rápidas informações. Jovens que antes de pesquisar em livros e enciclopédias buscam na web e fontes digitais todos os tipos de informações que necessitam de maneira rápida e prática. Para o autor, esses nativos digitais estão acostumados a interagir em diferentes mídias ao mesmo tempo, os mesmos tem essa praticidade, pois tem uma convivência diária com as tecnologias.

No início o uso dos diversos tipos de mídias e das tecnologias pode parecer difícil, porém é necessário que o professor se desafie, tentando agregar esses recursos ao seu trabalho. Também é necessário que no planejamento anual já se elabore estratégias de como utilizar os recursos tecnológicos e se observe quais são os que poderão fazer parte ou não do trabalho cotidiano. Para isso é muito importante que o professor se desafie a aprender ou até mesmo perca a vergonha de dizer ao seu aluno que não sabe utilizar certo tipo de tecnologia, pedindo ajuda deste para que consiga utilizar o recurso, a escola é um espaço de trocas de conhecimentos e a parceria entre professor e aluno tem tudo para dar certo e deve ser incentivada.

O uso das tecnologias no planejamento escolar, sem dúvida exige um novo olhar do educador, ele por sua vez deve ter um olhar diferenciado quando se fala em educar, o professor precisa ter em mente que o uso desses recursos não é mais uma ferramenta que ele pode ou não fazer uso. As tecnologias fazem parte de seus alunos, independente da vontade de seu educador e se este tem por objetivo tornar a sua aula significativa para seu aluno não tem como fazer essa separação.

Assmann (2005), afirma que,

As novas tecnologias da informação e da comunicação já não são meros instrumentos no sentido técnico tradicional, mas feixes de propriedades ativas. É algo tecnologicamente novo e diferente. As tecnologias tradicionais serviam como instrumentos para aumentar o alcance dos sentidos (braço, visão, movimento, etc.). As novas tecnologias ampliam o potencial cognitivo do ser humano (seu cérebro/mente) e possibilitam mixagens cognitivas complexas e cooperativas. (ASSMANN, 2005, p.18)

Com isso, o professor precisa ampliar sua visão, modificar seus pensamentos e teorias em relação ao uso das tecnologias. É indispensável que ele dê sentido ao uso das mídias e não faça por mera obrigação ou reprodução, mas que se desafie a aprender e perceber quais impactos elas irão apresentar no processo de ensino e aprendizagem dos seus alunos.

4.1 AS MÍDIAS NA EDUCAÇÃO DE DEFICIENTES AUDITIVOS

Nos dias atuais as tecnologias podem auxiliar muito, inclusive no processo de alfabetização, estas proporcionam novas formas de trabalhar com os alunos na construção do seu conhecimento e desenvolvimento integral, tudo o que era feito há tempos atrás somente em papel e lápis, hoje tem um diferencial em materiais, cores e movimentos. As mídias disponíveis conseguem assessorar os profissionais da área da educação em seu cotidiano escolar e na alfabetização as diferentes formas de apresentar às crianças os sons das letras tornam esta fase mais interessante e atraente.

Em relação ao uso dessas tecnologias no processo de alfabetização de alunos com deficiência auditiva, tem como objetivo principal fazer com que melhore cada vez mais o desenvolvimento deste aluno, que consiga ser dada a ele uma educação de qualidade, a fim de que independente da sua deficiência ele consiga ser alfabetizado dentro do contexto em que está inserido, respeitando suas especificidades, mas também proporcionando meios para desafiá-lo e que com o passar do tempo ele consiga dar continuidade a sua vida escolar.

Com o uso das mídias, o professor tem a sua disposição um leque de possibilidades para planejar e desenvolver suas aulas. Mesmo sabendo que dentro de uma sala de aula muitas vezes é preciso pensar vários planejamentos para a mesma aula, utilizando as tecnologias o professor consegue com mais facilidade incluir todos os alunos dentro de uma única proposta, respeitando o tempo de cada educando.

Mas para que se consiga desenvolver e trabalhar com essas mídias é importante que o professor se desafie, perca o receio de conhecer e trabalhar com o diferente, saia do modelo tradicional e se evolua na sala de aula, criando possibilidades para que suas aulas

atendam as necessidades dos educandos e que sejam significativas a eles. O educador precisa entender que a geração atual é nativa digital e que se continuar com o uso do quadro e giz dificilmente irá atrair seus alunos a desenvolver determinado conteúdo e atingir os objetivos propostos.

A escola inclusiva precisa contar com profissionais que sejam inclusivos também, que se disponham e se desafiem a aprender cada vez mais e criar possibilidades para que seus alunos se desenvolvam. Pensando na inclusão, especificamente dos alunos deficientes auditivos em fase de alfabetização é que surgiu a necessidade de investigar, como está sendo a metodologia utilizada pela professora de um aluno deficiente auditivo, da rede regular de ensino da Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes, e analisar de que maneira o uso das mídias está contribuindo nesse processo.

5. TRABALHOS CORRELATOS

Existem inúmeras pesquisas que apresentam os recursos tecnológicos em benefício da educação, para tanto serão apresentados alguns trabalhos que nos trazem informações das vantagens do uso das mídias no processo de ensino e aprendizagem que apresentam algumas semelhanças com o presente estudo.

O auxílio dos meios de comunicação e mídias nas práticas pedagógicas é um trabalho de Sales e Ricco (2007) que tiveram como objetivo criar possibilidades de utilização das mídias em práticas pedagógicas de conscientização na educação ambiental, fazendo com que o aluno se sensibilize e tente aplicar no seu cotidiano práticas que foram ensinadas na escola em relação a preservação do meio ambiente. Nesse propósito, os educadores deveriam aprender e utilizar os recursos tecnológicos e as diferentes mídias disponíveis para chamar a atenção dos alunos, tornando a socialização do conteúdo mais interessante. Sendo assim, a escola irá atingir alguns de seus objetivos que é tornar o seu aluno um sujeito ativo, que não seja mero espectador, mas sim um ator crítico dentro do processo educacional.

Ensinar precisa ter um sentido diferenciado, as práticas pedagógicas que pretendem ser desenvolvidas no ambiente escolar, devem ser inovadoras e que não façam com que os educandos simplesmente decorem conteúdos, mas que desenvolvam o hábito de aprender a aprender. Os alunos sendo participantes ativos no processo de ensino e aprendizagem, terão mais motivação de produzir e contribuir nesse trabalho, serão mais cooperativos e darão sentido ao que está sendo ensinado a ele, conseguirão associar o conteúdo a sua realidade e caso necessário poderão modificar o cenário em que vivem. Neste ínterim, Moran (2009) nos diz

que a escola precisa exercitar as novas linguagens, que sensibilizam e motivam os alunos, e também combinar pesquisas escritas com trabalhos de dramatização, de entrevista gravada, propondo formatos atuais como um programa de rádio, uma reportagem para um jornal, um vídeo, onde for possível. A motivação dos alunos aumenta significativamente quando realizam pesquisas, onde se possam expressar em formato e códigos mais próximos da sua sensibilidade. Mesmo uma pesquisa escrita, se o aluno puder utilizar o computador, adquire uma nova dimensão e, fundamentalmente, não muda a proposta inicial.

Finalmente percebe-se que as mídias têm um espaço cada vez maior, as tecnologias são recursos permanentes em nossas vidas e a escola para ser bem sucedida e que consiga atingir seus objetivos precisa estar atualizada, se esta utilizar estes recursos que estão a sua disposição conseguirá aumentar o interesse e a criatividade dos seus alunos. Os educadores precisam ter em mente que esses recursos não são seus adversários, mas sim seus aliados na construção de práticas mais inovadoras.

O professor Bittencourt (2006), propõe reflexões em relação aos desafios da interação humano-computador e através desse apoia educação inclusiva para crianças surdas e autistas, sendo assim trouxe uma preocupação no que diz respeito à alfabetização de surdos, bem como na resistência de ouvintes demonstrarem interesse em aprender a língua brasileira de sinais - LIBRAS. Para modificar esse quadro o projeto visa utilizar recursos tecnológicos a fim de chamar a atenção dos dois públicos. Um estudante de sistema de informação do curso de EAD da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) apresentou interesse em dar continuidade a um jogo que já havia sido iniciado, mas faltava a parte de animação. O jogo chamado *AssistLibras*, que se fundamenta na construção de símbolos da LIBRAS, foi criado um Avatar em 3D, em que pessoas que não demonstram conhecimento em computação gráfica tenham condições de criar as representações.

O projeto foi testado por três usuários, um ouvinte que não conhecia LIBRAS, um surdo e uma professora de LIBRAS, sendo que o mesmo apresentou ótimos resultados e de relevante usabilidade. Na sequência havia um grande desafio que estava diretamente ligado ao atendimento de alunos autistas em rede regular, barreira para muitos professores que não aceitam e não sabem como lidar com as diferenças, ainda mais com essa em especial, pois afeta diretamente a comunicação e o contato social do indivíduo. O recurso criado foi um aplicativo de atividades interativas chamado *ABC Autismo*, jogo baseado na psicolinguística com objetivo de auxiliar na aprendizagem. Pôde-se constatar que o aplicativo contribuiu na aprendizagem, pois possibilita a aquisição da LIBRAS tanto de surdos como os ouvintes do seu cotidiano que desejam aprender essa linguagem que estabelece uma comunicação efetiva, o desen-

volvimento de atividades no ambiente escolar, a aplicabilidade de atividades diversas conforme o conteúdo que está sendo desenvolvido, bem como a criação de outras metodologias para trabalhar com estes educandos. Logo o uso do aplicativo com alunos autistas pode auxiliar tanto professor como o aluno a estabelecer a comunicação e melhorar o contato entre estes, desenvolvendo atividades que despertem a atenção do aluno, com movimentação e interação, possibilitando o professor a adequá-lo conforme as necessidades que vão surgindo no decorrer do trabalho dentro e fora da sala de aula.

Já o trabalho de Silva (2013) refere-se à inclusão digital da criança surda no ambiente alfabetizador, o trabalho teve como objetivo promover a melhor comunicação com os ouvintes e assessorar no processo de alfabetização tornando-o eletrônico e utilizando jogos de apoio. Também teve a finalidade de desenvolver nos alunos habilidades para uso do computador com autonomia. Igualmente é ressaltada a importância da família na vida desses indivíduos com necessidades especiais. Por mais que seja difícil e muitas vezes revoltante quando uma família recebe um filho nessas condições, ela é a base e precisa dar todo apoio necessário, iniciando precocemente o uso da LIBRAS para que este aluno consiga fazer uma leitura de mundo desde cedo.

As atividades realizadas no laboratório de informática foram pensadas e elaboradas para atender as necessidades de todos os alunos, proporcionando a participação ativa de todos os envolvidos para que juntos consigam trocar experiências e construir uma visão diferenciada de mundo.

Com os trabalhos relacionados acima, pode-se contatar que as mídias podem sim contribuir no processo de alfabetização/aprendizagem de crianças que possuam alguma dificuldade ou deficiência. As mídias, se bem adotadas pelos professores podem trazer o diferencial no ensino, proporcionando, com o lúdico, uma forma mais prazerosa e menos tradicional de se trabalhar com essas dificuldades, seja de um aluno com deficiências cognitivas, como um com surdez, caso específico deste estudo.

6. METODOLOGIA

O presente estudo, de natureza qualitativa utilizou como método de pesquisa o estudo de caso que, conforme André (2005, p.49), nos apresenta este instrumento de pesquisa com a finalidade do conhecimento particular, ao selecionar uma determinada unidade e entendê-la “em sua complexidade e em seu dinamismo próprio, fornecendo informações relevantes para a tomada de decisão”, que garante o estudo de caso como o estudo de uma aproximação em

ação, independente do objeto de estudo. No caso desta pesquisa, o caso a ser investigado é um aluno deficiente auditivo, que está matriculado uma escola pública, no primeiro ano do ensino fundamental e como estão sendo usadas as mídias no seu processo de alfabetização. São características do estudo de caso a análise do contexto, aproveitamento de informações prestadas pelos educadores e a situação da utilização dos recursos tecnológicos disponíveis na instituição. Com o resultado, o estudo de caso pode auxiliar na compreensão do processo de alfabetização de alunos com deficiência auditiva e a importância do uso das mídias neste processo. Geralmente o estudo de caso pode ser compreendido em duas situações, participante e não participante são usadas para obter dados de primeira mão. García (1987, p.166). Nessa pesquisa foram utilizadas as duas modalidades inicialmente na observação do pesquisado e na sequência na coleta de dados em que o pesquisador não consegue adquirir somente em momento de apreciação. Foram realizadas entrevistas com a família, professora titular, educadora especial e monitora da escola, cujos dados serão discutidos a partir do capítulo seguinte.

7. RELATO DO ESTUDO DE CASO

Este estudo de caso foi realizado com um aluno da Escola Estadual de Educação Básica Tiradentes, na cidade de Tiradentes do Sul – RS. Para que seja mantido o sigilo da identidade deste aluno será utilizada a sigla **DJ** quando for necessário fazer alguma referência a ele. Este aluno frequenta o primeiro ano do ensino fundamental no turno da tarde e pelo turno da manhã tem dois horários no atendimento educacional especializado.

Para que pudesse ser realizada esta pesquisa foram realizadas algumas entrevistas, inicialmente com a família do aluno, logo após com a professora regente de turma e por fim com a monitora e educadora especial da sala de recursos multifuncionais.

Na primeira entrevista com a mãe, logo no início da Educação Infantil, segundo informações da educadora especial, a mãe demonstrou resistência na aceitação da deficiência auditiva do seu filho e que estava confiante que este iria escutar e falar de acordo com o que a fonoaudióloga afirmava e conforme os exercícios que ela desenvolvia com ele. Tentou-se argumentar quanto ao uso da LIBRAS e a mãe achou que não era necessário, pois com o tempo e o convívio com as outras crianças seu filho aos poucos iria oralizar.

Para Quadros (2005, p.26), os pais também devem estar presentes na vida de seus filhos “quando a criança surda tiver a chance de, no início do seu desenvolvimento contar com os pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas surdos, quando ela narrar em sinais, a dimensão do seu processo educacional será outro”.

Com isso, a família como primeira responsável do educando, se torna fundamental no processo de alfabetização deste indivíduo, caso o uso da LIBRAS inicie na primeira infância, ao iniciar a sua vida escolar, este já estará familiarizado com o uso dos sinais e expressões, caso contrário, o uso tardio poderá interferir de forma significativa no desenvolvimento e no tempo que irá durar esse processo.

Em relação à escola a mãe fala sobre a angústia de ver a quantidade excessiva de alunos na sala de aula e o fato do mesmo não ter um intérprete para que ele consiga superar os desafios que a deficiência auditiva apresenta. A mãe reconhece que apenas esse ano o aluno está fazendo o uso da LIBRAS diariamente na escola e, em casa ela diz que procura oralizar quando faz o sinal, pois acredita que ele irá aprender a falar. Ressalta também que para auxiliar o DJ na escola a família investiu em um *Tablet*, equipamento caro, mas que está auxiliando muito no processo de alfabetização.

A professora titular da turma em que DJ está incluído tem quinze anos de magistério, mas essa é a sua primeira experiência com aluno deficiente auditivo, relata que no início foi complicado o processo de alfabetização com o aluno e a turma de um modo geral. Utiliza o método fônico e com o aluno primeiramente utilizava figuras, logo após o sinal e em seguida a palavra, assim seria uma forma de memorização.

A educadora tem a sua disposição *notebook* da escola, *datashow* fixo na sala, além do *tablet* particular da professora e do aluno que tem conexão com Internet 3G, pois a disponível na escola é muito lenta e o programa acaba não funcionando. Ela acredita que esses recursos estão sendo peças fundamentais no processo de alfabetização de DJ, estão sendo utilizados dois softwares – *Hand_Talk*⁴ e *Pro Daef*⁵ funcionam com sistema Android, e podem ser trabalhados com diferentes metodologias. Pode partir da palavra para o sinal, ou vice-versa, também de pequenas frases ou conforme o trabalho que a professora está desenvolvendo com a turma.

⁴ O Hand Talk foi escolhido pela ONU (Organização das Nações Unidas) o aplicativo gratuito mais indicado na comunicação de surdos e ouvintes, o mesmo traduz conteúdos para LIBRAS e auxilia no processo de ensino e aprendizagem dos diferentes grupos. < <http://handtalk.me> >

⁵ O Pro Daef é um aplicativo gratuito, usado como tradutor de voz e texto em português para LIBRAS. < <http://www.prodeaf.net> >



Figura 1: Utilizando o aplicativo Hand Talk.

A professora ressalta a importância e o direito a uma intérprete que este aluno tem o que, na realidade, infelizmente, não está acontecendo. Ela se empenha em colocar todas as atividades que são desenvolvidas com a turma e mesmo tendo uma monitora que auxilia um segundo aluno incluído, algumas vezes é inviável de desenvolver um trabalho que contemple a todos, mesmo porque a monitora tem formação em Atendimento Educacional Especializado - AEE, mas pouco conhecimento em LIBRAS o que dificulta a comunicação com o DJ.

Segundo a entrevista com a educadora especial, o aluno DJ, desde o início de 2012, está matriculado e participa dos atendimentos educacionais especializados que acontecem na Escola em turno inverso, são previstos dois atendimentos por semana com tempo médio de uma hora e meia.

Nos primeiros atendimentos a educadora especial percebeu que ele apresentava expressiva dificuldade até mesmo em segurar um lápis, pintar, recortar ou colar qualquer trabalho, acreditava que em casa e no hospital entre suas inúmeras internações, DJ não tinha contato com esse tipo de materiais. Era um aluno inquieto, raramente sentava no chão ou na cadeira para confeccionar seus trabalhos, ficava andando pela sala, não dando atenção às ordens e sem limites. Chorava muito ao chegar à escola e sempre solicitava a presença da mãe. Sua alimentação era através de sonda e esse era mais um motivo pelo qual a mãe necessitava acompanhá-lo, até que a escola conseguisse realizar este procedimento com tranquilidade. Por isso, nesse primeiro ano a mãe esteve presente praticamente em todos os atendimentos, as aulas regulares na educação infantil e nas atividades extracurriculares da escola.

Nos atendimentos eram desenvolvidas atividades de coordenação motora fina e ampla, trabalho de recorte e colagem, bem como materiais de circuito que era trabalhado na sala de recursos e no pátio da escola.

Durante muito tempo devido ao seu estado de saúde o aluno esteve ausente, mas esse ano, ele está mais assíduo às aulas e aos atendimentos, desde o início do ano a mãe aceitou a introdução da LIBRAS. Atualmente DJ consegue sentar e desenvolver as atividades, algumas vezes ocupa o computador para realizar suas atividades e apresenta maior interesse em aprender as letras e os sinais.



Figura 2: realizando atividade em sala de aula.

Foto autorizada pela mãe do aluno.

A primeira educadora especial não tinha habilidades em trabalhar com recursos tecnológicos, usava somente impressões e atividades manuais para desenvolver as atividades com o aluno, apesar de a sala multifuncional dispor de várias outras opções que poderiam ser usadas acabavam ficando obsoletas por não saber utilizar e por ter medo de estragar. Contudo as outras duas profissionais que atuaram na sala de recursos multifuncionais dominavam as mídias disponíveis e utilizavam como recurso em seus atendimentos.

Utilizava recursos do pacote do *office* para trabalhar com as cores e formas, e também atividades online para desenvolver estas atividades. Também eram usados o word e power point para trabalhar com atividades de coordenação motora fina com pontilhados e produção de desenhos, bem como a familiarização com as letras e números.

Algumas vezes foram utilizados vídeos de histórias infantis com o intuito de apresentar animais e outros objetos com seu respectivo sinal.

Atualmente foi modificada a forma de atendimento com DJ, a escola disponibilizou outra educadora para trabalhar com o primeiro ano e a professora que era titular está trabalhando diretamente com este aluno. Sabendo que este aluno não teve contato com a LIBRAS na sua primeira infância o processo de alfabetização está sendo mais complicado.

Quando uma pessoa deficiente auditiva não tem contato com a LIBRAS desde pequeno acaba usando sinais caseiros, inventados no âmbito familiar para identificar objetos e pessoas que fazem parte deste contexto, essa linguagem rudimentar é chamada por Tervoort (1961) de “símbolos exotéricos”, isso trata-se de um sistema restrito da linguagem, que serve somente para a comunicação entre familiares. Sendo assim este indivíduo não terá condições de se comunicar socialmente e conseqüentemente com a comunicação restrita sua vivência diminui. Estudos de Fernandes (1990) relatam que os deficientes auditivos que tem contato restrito ou tardio com a LIBRAS acabam revelando problemas cognitivos, emocionais e sociais.

Neste caso, foi percebida claramente essa dificuldade no educando, somente a partir do momento que ele pôde ter acesso aos sinais, o mesmo está conseguindo comunicar-se com as pessoas do seu convívio. No entanto para que ele consiga aprender os objetos, cores, sinais, letras, números entre outros sinais o uso das mídias está sendo fundamental.

As educadoras utilizam praticamente todos os recursos possíveis para fazer com que ele se familiarize e se relacione com a LIBRAS. Contudo após a aquisição do *tablet* seu aprendizado está acontecendo muito mais rápido e com mais eficiência. DJ não tem coordenação para fazer escrita, porém já reconhece todas as letras do alfabeto e seus sinais. O mesmo acessa sozinho o aplicativo e solicita o sinal. Quando ele não sabe como se escreve a palavra pede auxílio de um adulto que precisa usar a datilologia da palavra para que ele escreva no *tablet*. Usa o site do *google* para visualizar a imagem e escrita e logo após usa os aplicativos para aprender o sinal. DJ gosta muito de animais, usa jogos online que a mãe disponibiliza e, sozinho escreve as palavras nos aplicativos para poder aprender o sinal.



Figura 3: Digitando as palavras no *tablet*

Após a dedicação da educadora com o aluno, foi possível a confecção de jogos de alfabetização com os sinais, a interpretação de histórias infantis e a produção de matérias para exercitar a escrita, datilologia da palavra e os sinais, importante ressaltar que para poder confeccionar esses materiais a educadora precisa utilizar os recursos tecnológicos que a escola dispõe.



Figura 4: Confeção do livro impresso do Alfabeto.

Durante este ano letivo, percebeu-se um crescimento do aluno DJ, uma melhora na sua socialização e relacionamento com seus colegas que também estão aprendendo LIBRAS e aos poucos estão conseguindo se comunicar com ele e também a independência que ele adquiriu em transitar nas dependências da escola, em tentar estabelecer a comunicação com funcionários e professores que aos poucos estão trazendo a consciência que precisam aprender a LIBRAS para poder manter um contato com os deficientes auditivos. Demonstra-se disponível para auxiliar os colegas e professores, mesmo que ainda seja um desafio o entendimento entre eles. É importante salientar que alguns professores já instalaram o aplicativo, e sempre que precisam utilizam no seu cotidiano.



Figura 5: Auxiliando a professora na colocação de caneta na ponteira do colega.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo principal promover uma reflexão sobre o processo de alfabetização de deficientes auditivos nas escolas regulares de ensino e agregar o uso das mídias nesse sistema. Também procurou salientar a importância do uso das mídias no processo de alfabetização de alunos com deficiência auditiva na rede regular de ensino, bem como ressaltar a influência das mídias nesse processo.

Percebeu-se após a entrevista com os profissionais que trabalham diretamente com o aluno DJ, deficiente auditivo, incluído em uma Escola Pública que o uso das mídias no processo de alfabetização é fundamental e que o uso diário está fazendo a diferença no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, percebe-se que ele está desenvolvendo autonomia no uso do *tablet* e sempre que precisa aprender um novo sinal, procura nos jogos que costuma utilizar o nome dos objetos e logo digita no aplicativo para que este apresente o sinal e sempre que ele não consegue manipular algum software sozinho pede auxílio dos professores ou colegas para que atinja seu objetivo.

Desde que o aluno DJ começou a fazer uso dos recursos tecnológicos no seu cotidiano escolar e familiar, foi visível a mudança que aconteceu em relação a sua autonomia, responsabilidade e aprendizagem. Ele aprendeu inúmeros sinais, consegue se fazer entender quando tem alguma necessidade e até mesmo quando deseja contar algo que aconteceu fora do ambiente escolar e, principalmente, conseguiu dar início ao processo de alfabetização propriamente dito, reconhece todas as letras do alfabeto, já memorizou a sequência de letras de

várias palavras, consegue identificar o objeto e sinal. Também é importante salientar algumas pequenas modificações que aconteceram com a família, que antes não aceitava o uso da LIBRAS e que adotava alguns sinais inventados por eles para manter a comunicação. Hoje está mais aberta a conversação, demonstra satisfação em ver a evolução do DJ e sempre que precisa, pede as educadoras o significado dos sinais para aprender e poder usar em casa.

Notou-se uma mudança significativa em relação aos profissionais que compõem esta escola, a maioria deles está se interessando pela LIBRAS e muitas vezes sentindo necessidade de aprender, pois quando não conseguem se comunicar com o referido aluno, sentem vergonha em pedir ajuda dos que já se apropriaram da língua de sinais e das tecnologias. Também é notável a satisfação dos profissionais que conseguem associar o uso da LIBRAS e das mídias, pois através desses dois elementos fundamentais para o desenvolvimento deste educando, os educadores conseguem entender os desejos e angústias dele podendo auxiliar sempre que necessário.

Apesar de muitos estarem enfrentando as mudanças que estão ocorrendo dentro da instituição, durante o desenvolvimento deste trabalho também foi notável o medo que os educadores têm quando surgem os desafios em suas salas de aula, seja na inclusão de alunos com necessidades especiais ou no uso dos recursos tecnológicos que estão disponíveis para que o educador planeje suas aulas de maneira diferenciada.

A comunidade em geral conhece DJ, mas até o momento não encontrava necessidade de aprender e de fazer uso da LIBRAS, pois a mãe estabelecia a comunicação com os sinais que usavam em casa. No entanto o menino está crescendo e aos poucos se tornando independente, por esse motivo pode-se perceber quando ocorrem atividades extracurriculares e que envolve a comunidade, as pessoas estão prestando atenção, pedindo informação e até arriscando alguns sinais para se comunicar com ele.

Embora o aluno conheça vários sinais, em alguns momentos é difícil a comunicação, exigindo muito estudo e dedicação da professora, da educadora especial e dos demais que julgam importante o conhecimento da LIBRAS e o pertencimento por este aluno, por isso sabe-se que é um trabalho de passos lentos, mas que com certeza ao longo da jornada já poderá notar um crescimento em ambas as partes.

Finalmente é gratificante poder presenciar e constatar que o uso das tecnologias está auxiliando significativamente o processo de alfabetização do aluno pesquisado, sabendo que se este processo fosse desenvolvido na forma tradicional ele levaria muito mais tempo e com certeza não demonstraria tanto interesse e prazer em aprender.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2005.

ASSMANN, Hugo (Org.). **Redes digitais e metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BITTENCOURT, I.I. **Estudo propõe educação inclusiva para crianças surdas e autistas**. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/noticias/2014/09/estudo-propoe-educacao-inclusiva-para-criancas-surdas-e-autistas>> Acessado em outubro de 2014.

BRITO, L.F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro : BABEL Editora, 1993.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Necessidades Educativas Especiais- Conferência Mundial sobre NEE**. UNESCO 1994.

FERNANDES, Eulália. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

LDBEN nº 9.394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Brasília, DF: MEC, 1996.

MARCELO GARCÍA, Carlos. *El pensamiento del professor*. Barcelona: Ediciones CEAC, 1987.

MORAN, J. M. **Os meios de comunicação na escola**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf. Acessado em: outubro de 2014

PRENSKY, Marc. **Digital natives, digital immigrants**. On The Orizon –Estados Unidos – NCB University Press, v.9, n.5, Oct., 2001. < <https://docs.google.com/document/d/1XXFbstvPZIT6Bibw03JSsMmdDknwjNcTYm7j1a0noxY/edit?pli=1> > Acessado em outubro de 2014.

QUADROS, R. M. de. **O bi do bilingüismo na educação de surdos** In: Surdez e bilingüismo. 1 ed. Porto Alegre : Editora Mediação, 2005, v.1, p. 26-36.

SALES, M.C. Gessyca; RICCO S. Adriana. **A educação ambiental no ensino fundamental: O auxílio dos meios de comunicação e mídias nas práticas pedagógicas.** 2007. Disponível em: <<http://meuartigo.brasescola.com/educacao/o-auxilio-dos-meios-comunicacao-midias-nas-praticas-.htm>> Acessado em outubro de 2014.

SASSAKI, Romeu. **Como chamar os que têm deficiência?** 2004. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/105053675/Como-Chamar-as-Pessoas-Que-Tem-Deficiencia-Sasaki>> Acessado em outubro de 2014.

SILVA, A. Luciene. **O uso pedagógico de mídias na escola: Práticas Inovadoras.** Disponível em: < http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1a-eao/O%20USO%20PEDAGOGICO%20DE%20MIDIAS%20NA%20ESCOLA_Luciene%20Silva.pdf > Acessado em outubro de 2014.

SKILIAR, Carlos. **A localização política da educação bilíngue para surdos.** In: SKILIAR, Carlos (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para Surdos.* 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SOUZA, R.M. **O ensino de M. surdos considerações sobre o excludente, contexto de inclusão.** In: Skliar, C. *Atualidade de educação bilíngue para surdos.* Porto Alegre: Mediação, 1999

TERVOORT, R.T. (1961) **Simbolismo esotérico no comportamento de comunicação de Jovens Crianças Surdas.** *American Annals of the Deaf*, 106:436-80.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.